

Artigos

Beltrão, os estudos e as teorias do Jornalismo

Alfredo Vizeu

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir e contribuir para novas pesquisas sobre o pioneirismo de Luiz Beltrão na sistematização, organização e categorização dos estudos de Jornalismo no Brasil e no primeiro esboço de uma teoria do Jornalismo no país. As investigações de Beltrão sobre o campo do Jornalismo estão concentradas, principalmente, nos seus livros *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (1960); na apostila do curso *Métodos de Enseñanza de la Técnica del Periodismo* (1963), ministrado no Ciespal; na apostila de sala de aula *Técnica de Jornal* (1964), do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco; e na trilogia sobre os gêneros *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980).

Palavras-chave: Luiz Beltrão; Estudos do Jornalismo; Teoria do Jornalismo.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar y contribuir a nuevas investigaciones sobre el trabajo pionero de Luiz Beltrão en la sistematización, organización y categorización de los estudios de Periodismo en el Brasil y en el primer esbozo de una teoría del Periodismo en el país. Las investigaciones de Beltrão sobre el campo del Periodismo están concentradas principalmente en sus libros *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (1960); en el material del curso *Métodos de Enseñanza de la Técnica del Periodismo* (1963), administra-

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: vizeu@hotmail.com.br

do en Ciespal; en los textos de clase *Técnica de Jornal* (1961) del curso de Periodismo de la Universidad Católica de Pernambuco; y sobre los géneros *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) y *Jornalismo Opinativo* (1980).

Palabras-clave: Luiz Beltrão; Estudios de Periodismo; Teoría del Periodismo.

Abstract

The aim of this work is to reflect and contribute with new researches about Luiz Beltrão's pioneer role in the systematization, organization and categorization of the Brazilian Journalism Studies and also about the first sketch of a Journalism Theory in the country. Beltrão's investigations in relation to the Journalism Theory field are mainly concentrated in his books *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (1960). In his apostil of the course *Métodos de Enseñanza de la Técnica del Periodismo* (1963), ministered at Ciespal; in his classroom apostil *Técnica de Jornal* (1964), of the Journalism Course at the *Universidade Católica de Pernambuco*; and about genre *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) and *Jornalismo Opinativo* (1980).

Keywords: Luiz Beltrão; Journalism Studies; Journalism Theory.

Introdução

O professor, pesquisador e jornalista Luiz Beltrão, pernambucano de Olinda, é o pioneiro dos estudos e da teoria do Jornalismo no Brasil. Nas pesquisas desenvolvidas sobre o campo, que ganharam dimensão nacional com o livro *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, publicado pela editora Agir, do Rio de Janeiro, em 1960, até sua morte, 40 anos depois, Beltrão vai além da apresentação de uma metodologia e análise de dados. A investigação organizada e sistemática, com análises, conclusões e conceitos sobre o Jornalismo realizados por Luiz Beltrão, permitem afirmar que o pesquisador começa toda uma tradição sobre a prática e teoria desse campo.

Como bem observa Melo (2006, p. 14), há um grande número de experiências inovadoras realizadas sobre o Jornalismo no Brasil

ainda pouco conhecidas: “vale a pena conhecer e refletir tais processos justamente para não cair na tentação de reinventar a roda”. Essa é a preocupação central deste texto: resgatar alguns aspectos que consideramos importantes nos estudos de Luiz Beltrão e identificam suas investigações como um marco inicial nos estudos e na teoria de Jornalismo no Brasil.

No país temos uma série de publicações detalhadas e consistentes sobre o trabalho desenvolvido por Luiz Beltrão ao longo de sua vida sobre o Jornalismo, Relações Públicas, Folkcomunicação e diversas áreas que constituem o campo da Comunicação (BENJAMIN, 1998), (MARQUES DE MELO, 2003), (ANUÁRIO UNESCO, 2006). Nossa intenção não é de crítica nem de polêmica em relação às investigações de Beltrão sobre o campo jornalístico, mas, enfatizando, tentar recuperar, lembrar e apresentar contribuições, algumas ainda pouco conhecidas de Beltrão que dizem respeito às práticas e às teorias do Jornalismo.

Entendemos que Luiz Beltrão dá início à investigação do Jornalismo como objeto científico com status próprio, procurando desenvolver metodologias adaptadas à compreensão desse campo como prática profissional ou como campo especializado de ensino. Como explica Machado (2005, p. 9-10):

Enquanto um pesquisador de um outro campo que estuda o jornalismo pode, porque suas perguntas são de outra ordem, satisfazer-se em aplicar metodologias oriundas de suas próprias disciplinas, um pesquisador que esteja interessado em descobrir as especificidades do jornalismo, seja como prática profissional, seja como campo especializado de ensino, deve preocupar-se, antes de mais nada, em como viabilizar a criação de metodologias de pesquisa ou de ensino adaptadas às particularidades do jornalismo.

Apropriando-nos da classificação de Machado (2004) e não sendo necessariamente fiéis à mesma, para fins deste trabalho, denominamos estudos do Jornalismo as pesquisas realizadas com metodologias de investigação de outras áreas do conhecimento para refletir o campo jornalístico e teorias do Jornalismo as investigações responsáveis pela experimentação metodológica dentro do campo. Beltrão realizou as duas atividades como pesquisador.

Dentro desse contexto, é importante enfatizar a preocupação nas investigações de Luiz Beltrão de um fator que consideramos central para o Jornalismo: a relação dialética entre teoria e prática. O Jornalismo que tem como referência o cotidiano requer estudos em que o objeto analisado seja a própria realidade e não os conceitos que as ciências desenvolveram sobre ela. “Isso não significa o abandono dos conceitos, mas deslocamento. Eles passam a ser utilizados como ferramentas para desvendar a realidade que é objeto de estudos, e não mais como objetos em si” (MEDITSCH, 2000, p. 86-87).

Como professor e nos seus trabalhos de pesquisa, Beltrão sempre teve a realidade como referência. Suas obras sobre o Jornalismo são resultado da experiência profissional como jornalista; de suas viagens ao exterior como líder de classe, participou do I Encontro de Jornalistas em Helsinki, na Finlândia; foi vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, em 1957; de teses que apresentou nesses Congressos e depois ampliou; da leitura de uma bibliografia nacional e internacional, até então desconhecida; e, finalmente, da leitura e acompanhamento de jornais.

Jornalismo: teoria e prática

A partir dos livros e apostilas publicados por Beltrão: *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (1960), reeditado em 1992, na Coleção Clássicos de Jornalismo Brasileiro, pela Editora da Universidade de São Paulo (USP); *Métodos de Enseñanza de la Técnica del Periodismo* (1963); *Técnica de Jornal* (1964), do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco; e na trilogia sobre os gêneros *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980); procuraremos levantar alguns aspectos que consideramos importantes, entre outros, como contribuição aos estudos e a teoria do Jornalismo no Brasil.

Iniciação à Filosofia do Jornalismo representa uma virada na vida de Beltrão. A atividade jornalística fica em um segundo plano cedendo lugar ao acadêmico Luiz Beltrão. Representa também um marco nos estudos do Jornalismo no país que, pelas mãos do pesquisador, começam a ser organizados, sistematizados e investigados

com um rigor metodológico, com base em uma análise de dados, apresentando formulações e proposições teóricas. Desse livro destacamos três contribuições: o conceito de Jornalismo, de agentes do jornalismo e as discussões éticas sobre a atividade jornalística.

Beltrão (1992, p. 65-66) define o Jornalismo como: “a informação dos fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”. Para o pesquisador, a atividade jornalística está sempre ligada à vida sobre a qual tem uma grande força não apenas na fixação de conceitos, mas contribuindo para que as idéias circulem e provoquem uma “grande vibração do pensamento coletivo”.

Preocupado com a questão do dever do Jornalismo de orientar, o pesquisador defende que o jornalista, na medida em que contribui para que as pessoas formem juízos sobre os fatos, deve ter como preocupação transmitir para a comunidade aquilo que é significativo para ela. No entanto, como ressalta Beltrão, o objetivo não deve ser apenas dar o que o público quer ler, mas tudo aquilo que a partir da análise dos acontecimentos é importante que ele conheça.

De acordo com Luiz Beltrão, a finalidade precípua do Jornalismo é de formação e orientação da sociedade com o objetivo de assegurar o bem comum:

Os relatos e as idéias expressas pelos veículos jornalísticos têm o propósito de permitir ao homem um pronunciamento, uma decisão, de impulsioná-lo à ação. A sociedade, como o indivíduo, não pode escapar à evolução; o jornalismo, sem pretender traçar roteiros e exatos, atua como propulsor da ação individual, ao oferecer à massa a sumária e, por vezes, superficial análise superficial dos acontecimentos (BELTRÃO, 1992, p. 99).

Ou seja, a doutrina e a prática comprovam o caráter de publicizar do Jornalismo. Beltrão vai mais além e diz que o Jornalismo contribui para estabelecer, em função da sua atividade diária, vínculos entre seus leitores. É que as pessoas espalhadas e de uma forma dispersa, sem se conhecerem uns aos outros e nem àqueles que transmitem às impressões, discutem e debatem como que pertencendo a uma comunidade imaginada criada pelo jornal, rádio ou TV.

Segundo Beltrão, a atualidade é uma característica central do conceito de Jornalismo. “O jornalismo vive do cotidiano, do presente, do efêmero, procurando nele penetrar e dele extrair o que há de básico, fundamental e perene, mesmo que essa perenidade valha por alguns dias ou por algumas horas” (BELTRÃO, 1992, p. 70).

Ao chamar a questão da centralidade do Jornalismo na sociedade e colocar a atualidade, o dia-a-dia, o presente como centrais na discussão do Jornalismo, Beltrão traz para o debate características que são importantes para qualquer teoria do Jornalismo. Gomis (1991), em *Teoria del Periodismo*, um livro que é uma referência nos estudos do campo, diz que explicar como funciona o jornalismo é explicar como funciona o presente em uma sociedade.

As teorias do Jornalismo devem ter como preocupação esse presente social, o efêmero, o cotidiano, como afirma Beltrão (1992). O Jornalismo é o discurso da atualidade. Sem ele, o presente social seria pobre e as pessoas, praticamente, só teriam acesso ao seu entorno: a família, os vizinhos e o trabalho. “Graças aos meios vivemos um mundo e sabemos um pouco o que está acontecendo em cada lugar” (GOMIS, 1991, p.14).

A questão da atualidade, sem dúvida, é uma discussão que vem sendo tratada por diversos autores que trabalham o campo do Jornalismo (WOLF, 1994). No entanto, consideramos que a grande contribuição que o livro *Iniciação à Filosofia* de Beltrão traz para a reflexão sobre o campo jornalístico é o conceito de *agentes do jornalismo*.

Para compreendermos esse conceito, considero necessário entender o Jornalismo como um campo (BENSON, R., NEVEU, E., 2005). Bourdieu (1997) em um estudo sobre as práticas e as atividades jornalísticas que consideramos interessante e provocativo define campo como:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias. (BOURDIEU, 1997. p. 57).

Os agentes do jornalismo

No entender de Bourdieu (1997), o campo jornalístico está submetido ao signo da velocidade e da informação. Isso é reforçado pela própria temporalidade da prática jornalística que vive a pensar no dia-a-dia e a valorizar uma informação em função da sua atualidade. Para o autor, isso favorece uma amnésia do permanente que é o avesso negativo da exaltação da novidade.

Isso também determina uma propensão a julgar os produtos e os produtores segundo a posição do “novo” e do “ultrapassado”. Outra questão abordada por Bourdieu (2003) diz respeito aos agentes, aqueles que participam das lutas, dos conflitos de interesse, não são apenas atores, mas *agentes* em disputa no campo. Um dos exemplos do campo jornalístico, são os jornalistas. O autor prefere o conceito de agentes a atores em função de uma dinamicidade, de uma ação dentro do campo.

Em *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, Beltrão, já em 1960, se referia ao Jornalismo como um campo e aqueles o constituíam como agentes. Sem dúvida, são dois temas que merecem uma investigação bem mais ampla e detalhada até para se estabelecer uma comparação mais aprofundada entre a perspectiva trabalhada por Beltrão e a de Bourdieu. Nossa preocupação é mais descrever e procurar apresentar questões não muito conhecidas das pesquisas de Luiz Beltrão procurando contribuir e incentivar novos estudos.

Ao tratar da multiplicidade de setores, de objetivos e de temas do Jornalismo, Beltrão (1992, p. 75) explica que o campo jornalístico corresponde “a todos os quadrantes da atividade humana, a todos os seres, às coisas e à natureza, a todos os domínios da inteligência e da sensibilidade”. De acordo com Luiz Beltrão, esse campo é constituído por agentes: o *público*, o *editor*, o *técnico* e o *jornalista*.

O pesquisador explica a função de cada um e o seu lugar no campo. Interessante chamar a atenção que, ao tratar do *editor*, Beltrão não está se referindo, como uma leitura apressada poderia nos fazer imaginar, ao responsável pela edição de uma página no jornal. A categorização é mais ampla e inclui nela os proprietários e empresas privadas ou concessionárias de rádio, TV e cinema.

Quanto ao *técnico* ele define como aquele que realiza as atividades do *fazer*, por exemplo, os gráficos.

Ao *jornalista*, Beltrão (1992) reserva um lugar especial. É ele quem executa o trabalho criador, inovador e complexo de não ser não só o instrumento adequado de que se valem os fatos para tornar notícias, mas também o responsável por impulsionar o homem e a sociedade à ação. Com relação ao jornalista e a produção dos acontecimentos, Luiz Beltrão, influenciado pela teoria funcionalista da época, defende que o Jornalismo é um espelho do real.

No que diz respeito ao *público*, Luiz Beltrão (1992) traz uma contribuição relevante e significativa para os estudos de Jornalismo. Em uma perspectiva teórica inovadora, ele reconhece o público também como um agente ativo. Para o investigador, aqueles que lêem os jornais não são *caixas vazias*. Têm uma participação importante na produção jornalística tanto que são agentes que constituem o campo. O pesquisador cita como exemplos:

O caso do reclamante, do redator de “carta dos leitores”, do produtor da “opinião do ouvinte”, dos correspondentes voluntários, que noticiam, comentam, criticam, apelam, denunciam e opinam sobre tudo quanto ocorre na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, sobre os temas e os problemas em foco (BELTRÃO, 1992, p. 113).

A participação de um público ativo é importante para Beltrão (1992) porque por meio das reclamações, das cartas dos leitores ou de rádio-ouvintes, dos apelos e das denúncias desses agentes em programas televisivos é possível, em muitos casos se apurar as reais condições de países e regiões submetidas ao arbítrio e às restrições da liberdade de expressão. Luiz Beltrão inclui ainda no seu conceito de público os organismos estatais, os sindicatos e os partidos.

O olhar de Beltrão sobre o público antecipa os chamados estudos da recepção que no começo da década de 1970 refutaram os postulados da teoria funcionalista e passaram a entender o público como uma audiência ativa. A audiência não é mais um receptor passivo, mas desempenha um importante papel no processo de comunicação significando e ressignificando as mensagens (MATTELART, A., MATTELART, M., 2005).

No capítulo final de *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, ao tratar das condições para o exercício do Jornalismo em que chama a atenção da liberdade e da responsabilidade como centrais nas práticas jornalísticas, Beltrão (1992) ressalta uma questão básica do campo do Jornalismo: a Ética. O pesquisador defende de uma maneira consistente e efetiva o ideal de justiça e bem-estar dos indivíduos e da sociedade:

Um jornalismo divorciado da moral ou que menospreze os princípios éticos que informam o espírito humano e o nobilitam será, talvez, temido pela sua força destrutiva; jamais será, porém acatado e desrespeitado pelo homem, quer como ser isolado quer como membro da comunidade. E dia virá em que, denunciado como instrumento de corrupção, será riscado da estrutura social, substituído por uma nova instituição que, efetivamente, corresponda aos anelos de uma humanidade consciente dos seus caminhos e do seu destino temporal e eterno (BELTRÃO, 1992, p. 179).

Jornalismo e ética

A questão da Ética, com certeza, ocupa um papel fundamental nas teorias do Jornalismo. Ao defendê-la de uma forma apaixonada, Beltrão (1992), como os demais estudiosos do campo, sabe que ela está intimamente relacionada com as práticas jornalísticas e com o rigor no método jornalístico. Nesse sentido, faz uma forte crítica ao que classifica como *jornalismo sensacionalista*. “Sucessivos congressos jornalísticos e assembleias político-legislativas têm condenado, e estipulado sanções, para a divulgação sensacionalista de atos delituosos [...] a exibição de jornais ou documentários cinematográficos que apresentem seqüências incompatíveis com a decência e a dignidade humana...” (BELTRÃO, 1992, p. 171).

Como bem observa Cornu (1999) em *Jornalismo e Verdade*, o Jornalismo nunca pode considerar o outro como um meio. É preciso levar em conta a humanidade de cada homem, de cada grupo que os tumultos da história transformam em “objetos” de informação. É preciso tratar homens e mulheres como seres humanos e não como material informativo destinado a alimentar o sistema midiático, orientado para a satisfação do público, para o sucesso da audiência, de tiragem, de venda.

O jornalista que for tentado a desrespeitar o outro, a vítima, a testemunha, o parente, espezinha o respeito que deve a si mesmo. Não passa de um instrumento na mão da informação. “Está reduzido à função que o sistema midiático lhe atribui. É prisioneiro de um determinismo reificante, de que o seu próprio cinismo que o seu próprio determinismo” (CORNU, 1999, p. 407).

Três anos depois da publicação de *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, Luiz Beltrão foi convidado a suceder Danton Jobim, referência também nos estudos de Jornalismo no Brasil, no Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina (Ciespal), no Equador. No curso realizado na entidade, Beltrão apresenta e teoriza sobre a sua atividade no ensino de Jornalismo. O trabalho desenvolvido no Ciespal é transformado em livro, uma apostila com as conferências de Beltrão em Quito, texto este ainda não publicado em português: *Métodos de La Enseñanza de la Técnica de Periodismo*.

No livro, Beltrão (1963) aborda temas como os processos didáticos para aplicação da aprendizagem do Jornalismo; o conceito de Jornalismo, suas modalidades e características; o estilo jornalístico; a reportagem policial, entre outros. Da obra vamos nos deter em três aspectos que trazem uma interessante reflexão sobre o Jornalismo: a pesquisa, a bibliografia, o jornal-laboratório e a interdisciplinaridade.

Beltrão, sem dúvida, tem uma preocupação constante nas suas obras com a pesquisa sobre o campo do Jornalismo. Em *Enseñansa del Periodismo*, apresenta uma investigação realizada no curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, com a participação dos estudantes, sobre os efeitos da suspensão da circulação dos jornais em função de uma greve dos gráficos.

Como enfatiza Luiz Beltrão (1963), a investigação foi a primeira do gênero no Brasil e, provavelmente, também a primeira na América Latina. O estudo mostra as conseqüências da falta de circulação de notícias sobre a sociedade durante o período que durou o movimento dos gráficos de 21 de março a 9 de abril de 1963. A greve afetou os serviços públicos atingindo o interesse coletivo porque as ações governamentais que eram divulgadas nos jornais deixaram de ser comunicadas.

Beltrão mostra também que a área de diversão foi atingida resultando em uma pouca procura aos cinemas, mesmo com o lançamento da superprodução *Ben-Hur*. Com a volta da circulação dos jornais, a pesquisa identificou que durante as seis semanas de exibição do filme as sessões estavam sempre lotadas. A investigação mostra ainda que até mesmo os acontecimentos sociais foram afetados: festas e homenagens tiveram que ser adiadas em função da baixa assistência.

O estudo indica que a circulação das notícias é uma exigência da própria sociedade e a ausência das mesmas afeta fortemente o cotidiano de homens e mulheres. A interpretação da realidade como um conjunto de notícias responde a uma expectativa pública e a exigências técnicas (GOMIS, 1991). A mídia atua como uma mediadora entre a realidade global e o público ou audiência que se serve dela.

Uma pesquisa realizada na Holanda, em 1977, sobre os efeitos da greve de gráficos e de técnicos de televisão sobre a população apresenta dados muito próximos dos encontrados por Beltrão na investigação que fez na década de 1960. Segundo o estudo holandês, tanto leitores como telespectadores ficaram incomodados com a falta de informações. Revela ainda que a suspensão da circulação atinge a sociedade de suas formas: é interrompido um rito diário que faz parte do cotidiano das pessoas, ler jornais e assistir à televisão, e a população deixa de ser informada sobre o mundo que a cerca (GOMIS, 1999).

A investigação aponta para o poder do Jornalismo e para o seu *efeito de agenda* identificado por Lippmann (1997) no livro *Public Opinion*, cuja primeira edição foi publicada em 1922. Pesquisador atento e dedicado, Beltrão, que conhecia o trabalho de Lippmann, confirmou, de certa forma, nos resultados de sua pesquisa o poder do Jornalismo sobre a vida das pessoas. Os dois estudiosos, em épocas diferentes, anteciparam o que na década de 1970 McCombs e Shaw chamariam de *teoria do agendamento*. Ou seja, a capacidade da mídia em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirmando o seu importante papel na configuração da realidade social.

Outra pesquisa apresentada por Beltrão (1963) é um estudo sobre a reportagem policial nos jornais do Recife. Entre as hipóte-

ses propostas estão a investigação sobre o público leitor desse tipo de notícias e a influência da seção policial nos periódicos. É importante destacar que Beltrão tem a preocupação constante, reivindicada atualmente por uma série de pesquisadores, que a investigação que tenha em conta o Jornalismo como objeto científico com status próprio (MACHADO, 2004).

Jornalismo: objeto e metodologia específicos

Como explica Machado (2004), a experimentação metodológica dentro do campo representa um importante passo nas pesquisas em Jornalismo. Beltrão (1963) traz uma boa contribuição para essa caminhada. O avanço na perspectiva de consolidação do Jornalismo como disciplina com objeto e metodologias específicas, além de garantir a legitimação de um campo de conhecimento, garante-lhe a autonomia para estabelecer no mesmo patamar de igualdade redes multidisciplinares de pesquisas sobre o campo jornalístico.

O livro *Enseñanza del Periodismo* traz dois outros importantes aportes para os estudos e para as teorias do Jornalismo. A primeira é a preocupação em sistematizar e organizar uma bibliografia de Jornalismo, em particular, brasileira. Beltrão (1963) listou na época 38 obras de autores nacionais, duas traduções e os Anais dos Congressos dos Jornalistas de 1953, 1954, 1956 e 1958. Sem dúvida, um trabalho importante porque mostra o acúmulo e divulga a pesquisa no campo do Jornalismo no país permitindo um maior conhecimento do que está sendo investigado, contribuindo para a construção de um campo de estudos no Brasil.

A outra contribuição importante de Beltrão (1963) apresentada como uma riqueza de detalhes em *Enseñanza del Periodismo* é o jornal-laboratório criado por ele no curso de Jornalismo da Unicap, que rompe com toda uma tradição de avaliação da universidade, voltada para trabalhos individuais e coletivos. O jornal denominado de *Diário da Cidade* teve uma grande repercussão porque possibilitou aos estudantes trabalharem a teoria na prática. É a aproximação do Jornalismo de seu objeto, da realidade, das práticas jornalísticas (MEDITSCH, 1992).

Ainda em *Enseñanza del Periodismo*, Beltrão (1963) mostra o caráter inovador do seu trabalho no campo do Jornalismo. Defende a necessidade dos estudantes conhecerem e estarem qualificados para operar com as múltiplas faces dos problemas da comunidade. Preocupado com isso, Luiz Beltrão (1963) relata em *Enseñanza del Periodismo* as atividades que desenvolvia em conjunto com professores de outros cursos da Unicap para que os estudantes tivessem uma formação mais sólida.

Em combinação, por exemplo, com docentes de História e Literatura ele promove seminários, debates e elabora trabalhos sobre determinados personagens e movimentos históricos: Júlio César, Bolívar, Floriano Peixoto, Getúlio Vargas, Euclides da Cunha, o Romantismo e o Modernismo.

A multidisciplinaridade enunciada por Beltrão (1963) contempla a necessidade de buscar nas investigações realizadas em outros campos de conhecimento uma completamentaridade às pesquisas que desenvolve. No entanto, é importante ressaltar que Beltrão procurava realizar essas parcerias trabalhando uma metodologia própria para o Jornalismo, com base na análise e reflexão das práticas jornalísticas.

Essa é uma exigência central para a legitimação do Jornalismo como um campo de conhecimento. Com isso, não estamos defendendo que o Jornalismo não compartilhe com as experiências e as investigações de outras áreas sobre o campo. As contribuições dos estudos de outras disciplinas, sem dúvida, são importantes. No entanto, como bem observa Machado (2004), também é importante que o pesquisador em Jornalismo perceba que sem metodologias específicas dificilmente vai contar com teorias próprias.

O livro *Técnica de Jornal*, de 1964, uma apostila de sala aula, é dividido por Beltrão em três capítulos: o primeiro denomina de *Teoria do Jornalismo*; o segundo de *Jornal, Veículo de Comunicação*; e o terceiro *Prática da Notícia*. No que diz respeito à *Teoria do Jornalismo* discute o jornal como atividade social, destacando que sua importância é cada vez mais importante na medida em que as sociedades vão ser tornando mais complexas.

Ainda com relação à *Teoria do Jornalismo*, Beltrão (1964) discorre sobre os conceitos e as características do Jornalismo bem como

aborda a questão da motivação psicológica para a leitura dos jornais. Na segunda parte da apostila, ao tratar da *Prática da Notícia*, faz uma ampla discussão sobre as características da notícia, denominando essa parte de *Teoria da Notícia*. Essa classificação não aparece no sumário da obra.

A teoria do Jornalismo e a teoria da notícia

A referência a uma *Teoria do Jornalismo* e a uma *Teoria da Notícia* feitas por Beltrão em 1964 representaram uma novidade na bibliografia brasileira e nos estudos de Jornalismo realizados até então. Mais uma antecipação, pois as denominações *Teoria do Jornalismo* e *Teoria da Notícia* só iriam ganhar força efetiva a partir dos estudos realizados, em particular, nos Estados Unidos e na Inglaterra a partir da década de 1970 (PEDRO E SOUZA, 2002); (TRAQUINA, 2004); (SCHUDSON, 2003).

Nas suas pesquisas, Beltrão também traz uma grande contribuição aos estudos e a teorias do Jornalismo ao abordar a questão dos gêneros. Como explica Marques de Melo (2003) o maior desafio do campo do Jornalismo é sem dúvida a configuração da sua identidade como campo científico e essa autonomia está intimamente relacionada com os processos sociais inerentes à captação, registro e difusão da informação da atualidade.

Ainda segundo Marques de Melo (2003, p. 41), esses processos envolvem as instituições jornalísticas e as comunidades em que atuam, “articulando-se necessariamente com o organismo social de que se nutrem e se transformam através do relato que constitui seu traço marcante. Em outras palavras, do seu discurso manifesto”. Os gêneros representam a sedimentação da experiência em diversos meios de comunicação possibilitando que a mensagem chegue com relativa rapidez e segurança ao *receptor* (GOMIS, 1991).

Luiz Beltrão se dedica aos estudos do gênero na trilogia *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980). Em 2003, Marques de Melo publicou um estudo crítico e detalhado sobre essas obras, com o qual compartilhamos. Por isso, primeiramente faremos uma breve discussão

com base na análise de Marques de Melo para depois destacarmos outros aspectos dessas obras que consideramos também relevantes para a discussão sobre o campo do Jornalismo.

Sem dúvida, a questão dos gêneros no Jornalismo brasileiro encontra em Beltrão o único pesquisador a se preocupar sistematicamente com o fenômeno. Nas suas investigações, Beltrão (1969; 1976; 1980) estabelece a seguinte classificação para os gêneros: *jornalismo informativo*, *jornalismo interpretativo* e *jornalismo opinativo*. Como argumenta Marques de Melo (2003), o critério adotado por Beltrão sugere a separação dos gêneros segundo as funções que desempenham junto ao público leitor: informar, explicar e orientar, características que estão presentes na sua definição sobre Jornalismo mencionada anteriormente.

Marques de Melo (2003) esclarece que quanto à especificidade, Luiz Beltrão não se ateu à natureza de cada um dos gêneros, preferindo o senso comum que rege a atividade dos jornalistas e estabelece limites e distinções entre “matérias”. Um exemplo prático é a diferença que Beltrão faz entre *reportagem* e *reportagem em profundidade*. No fundo, são espécies de um mesmo gênero. O que as diferencia são os investimentos da empresa jornalística e dos profissionais.

Depois dessa breve discussão sobre a classificação dos gêneros por Beltrão, julgamos interessante chamar atenção para algumas particularidades das obras da trilogia procurando apresentar outras contribuições para os estudos e a teoria do Jornalismo. Começamos pelo livro *A Imprensa Informativa* (1969). Trata-se de um manual crítico e didático sobre a informação no Jornalismo, resultado de dez anos de ensino e de 25 de prática jornalística de Beltrão. No livro, são tratados os vários aspectos que envolvem a produção da notícia como a linguagem jornalística, a função informativa do jornal e a notícia do jornal. Como em seus demais trabalhos, há preocupação constante entre a teoria e a prática do Jornalismo. Ao final de cada capítulo, além de uma bibliografia sobre o tema, Beltrão propõe exercícios práticos para serem desenvolvidos em sala de aula.

Uma experiência interessante que o autor mostra em *Imprensa Informativa* é o que ele chama de *jornal-cobaia*. Trata-se da edição de um jornal da cidade que os alunos devem comprar e durante o

período letivo (aquele periódico servirá de cobaia para os exercícios de cobertura e de redação). Como assinala o pesquisador, um dos objetivos desse trabalho é possibilitar o domínio do fator tempo, tanto para os professores como para os alunos que vão se acostumando a realizar as tarefas jornalísticas sob a pressão do relógio, uma vez que para todos os exercícios o prazo é previamente estipulado.

A preocupação com o fator tempo identifica o olhar atento do pesquisador à forte pressão das horas, em particular do horário de fechamento dos jornais, que vai ocupar uma boa parte das discussões sobre os estudos do campo e das teorias do Jornalismo até os dias de hoje. Nos estudos que vêm sendo desenvolvidos a questão merece, sem dúvida, uma atenção especial. Schudson (1986) comenta que, *na corrida* pela notícia, o vencedor é facilmente determinado pelo relógio. Schlesinger (1993) descreve a empresa jornalística como uma *máquina do tempo*.

No livro, outro aspecto importante com relação as atuais teorias do Jornalismo é a investigação detalhada que Beltrão (1969) faz das notícias, seu conceito e suas características. O pesquisador discute os critérios que vão determinar que um fato é notícia que se aproxima muito das definições atuais do chamado conceito de noticiabilidade. Ou seja, a capacidade de um ato ser noticiável (SCHUDSON, 2003), (WOLF,1994), (TRAQUINA, 2004):

A fim de que bem exerça as suas funções e não forneça ao leitor aquelas notícias sem valia, que desacreditam o jornal, tornando inócuo, há que o jornalista saber quais os fatos que devem se transformar em notícias, ou, por outras palavras conhecer os critérios de identificação e julgamento dos incidentes que devem interessar e importar ao leitor, figurando nas colunas de jornal (BELTRÃO, 1969, p 85).

Os critérios de identificação dos fatos proposto por Beltrão recebem na teoria do Jornalismo a denominação de valores-notícia, um conjunto de itens que vão determinar a noticiabilidade de um fato. Os critérios apontados por Beltrão (1964) são: *proximidade; proeminência; conseqüências; raridade; conflito; idade e sexo; progresso; drama e comédia; política editorial e exclusividade*. Ao longo do texto, o pesquisador vai detalhando e explicando cada um desses valores-notícia.

Atualizando a teoria do jornalismo

No livro *Jornalismo Interpretativo*, de 1976, a contribuição de Beltrão se dá em uma atualização das teorias do Jornalismo ao mostrar a evolução do jornal em confronto com o rádio e a televisão, que impuseram um novo tratamento às notícias. O pesquisador mais uma vez lança seu olhar crítico sobre as mudanças nas formas do *fazer jornalístico*:

O jornalismo de televisão é, antes de tudo, o fornecimento de mosaicos recém-fabricados do acontecimento, das peças mais novas do jogo de armar; não lhe sobra tempo para oferecer ao homem sôfrego de conhecer o mural da realidade do momento, o conjunto, ainda que grotesco, de todas as peças do brinquedo vital para os indivíduos e para a comunidade que é boa e completa da comunicação jornalística” (BELTRÃO, 1976, p. 38).

Mais de 20 anos depois, a análise de Bourdieu (1997) sobre o jornalismo televisivo, com certeza de uma forma mais contundente em função da consolidação do meio e da sua submissão a toda uma lógica de mercado, não é muito diferente do descrito por Beltrão apresentando uma certa proximidade no que diz respeito à fragmentação e descontextualização do conteúdo informativo.

Um outro aspecto significativo em *Jornalismo Interpretativo* é o uso que Beltrão (1976) faz da análise morfológica de um vespertino paulista. Com a investigação, o pesquisador procura oferecer diretrizes básicas do jornalismo interpretativo. É uma contribuição importante para as teorias do Jornalismo porque mobiliza o uso da pesquisa para o aperfeiçoamento profissional.

Com *Jornalismo Opinativo*, de 1980, Beltrão fecha a trilogia dos estudos sobre os gêneros jornalísticos. No livro, discute a questão da opinião pública, tema de debate atual nos mais diversos espaços de discussão sobre o Jornalismo e os seus efeitos (LAGE, 1998). Dessa obra, consideramos que é interessante enfatizar um tema abordado anteriormente que entendemos ser uma das grandes contribuições de Beltrão aos estudos de Jornalismo. Trata-se de sua percepção de que o leitor não é um agente passivo.

Luiz Beltrão (1980, p. 92) defende que a vivência jornalística mostra que o leitor não é apenas aquele tipo que foge à colaboração ou aquele ser passivo. Basta um problema ou tema de interesse coletivo para que milhares de indivíduos e dezenas de grupos se movimentem, acorrendo pessoalmente às redações ou à frente dos jornais para acompanhar o desenvolvimento da questão ou manifestar seu ponto de vista.

Ao final deste texto, no qual procuramos basicamente apontar para questões, algumas já conhecidas outras ainda nem tanto, sobre Luiz Beltrão e suas contribuições para os estudos e para a teoria do Jornalismo, esperamos ter também contribuído para mais e novas investigações sobre o tema. Entendemos que Beltrão representa um marco nas pesquisas de Jornalismo no país.

Dentro desse contexto – e seguindo a trajetória que teve início em Beltrão – há dois livros sobre a teoria do Jornalismo no Brasil que consideramos de leitura obrigatória não só para aqueles e aquelas que estudam e trabalham com o tema, mas para todos e todas que de alguma forma se interessam pelo campo da Comunicação. O primeiro é *Teoria do Jornalismo*, de Felipe Pena (2005), que estabelece um diálogo muito importante entre os estudos e a teoria do Jornalismo e os trabalhos que já foram desenvolvidos e estão sendo elaborados por pesquisadores brasileiros.

O outro livro, que consideramos relevante e significativo, é *Teoria do Jornalismo: identidades brasileira*, de José Marques de Melo (2006). O autor procura mostrar, sem nenhum xenofobismo, a riqueza do pensamento jornalístico verde-amarelo e resgata o acúmulo dos estudos sobre Jornalismo no Brasil.

Por fim, consideramos importante enfatizar que a contribuição de Luiz Beltrão para pensarmos o Jornalismo como objeto científico com status próprio é de fundamental importância. Como bem observa Machado (2004), o pesquisador de Jornalismo, atento às especificidades e particularidades do campo, “deve preocupar-se, antes de mais nada, em como viabilizar a criação de metodologias de pesquisa ou de ensino adaptadas às particularidades do jornalismo”.

Referências

ANUÁRIO UNESCO/METODISTA DE COMUNICAÇÃO REGIONAL. **Comunicação no Brasil** : as idéias pioneiras de Luiz Beltrão. n. 10, a. 10, São Bernardo do Campo : Umesp, jan-dez. 2006.

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do Jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

_____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

_____. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

_____. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

_____. **Técnica de jornal: apostilas para a 1ª série do curso de Jornalismo**. Recife: Inciform, 1964.

_____. **Métodos em la enseñanza de la técnica del periodismo**. Quito: Ciespal, 1963.

BENJAMIN, R. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/FASA, 1998.

BENSON, R., NEVEU, E. **Bourdieu and the journalist field**. Cambridge: Polity, 2005.

BOURDIEU, P. **Cuestiones de sociología**. Madrid: Istmo, 2003.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CORNU, D. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Piaget, 1999.

GOMIS, L. **Teorias del periodismo**. México: Paidós, 1991.

LAGE, N. **O controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente**. Petrópolis: Vozes, 1998.

JOBIM, D. **O espírito do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

MACHADO, E. **Dos estudos sobre o jornalismo às teorias do jornalismo: três pressupostos para a consolidação do jornalismo como um campo do conheci-**

mento. **E-Compós**. n. 1. Disponível em: <[http:// ww.compos.org.br/e-compos](http://ww.compos.org.br/e-compos) >. Acesso em 01 de dezembro de 2004.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.
MCCOMBS, M.; SHAW, D. A função do agendamento dos *media*. In: TRAQUINA, N. **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEDRO E SOUZA, J. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

PORTAL LUIZ BELTRÃO. Disponível em < <http://www2.metodista.br//unesco/luizbeltrao/index.htm> >. Acesso em: 12 de julho 2006.

SCHUDSON, M. **The sociology of the news**. New York: Norton, 2003.

_____. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

_____. **The sociology of the news**. New York: Norton, 2003.

_____. When? Deadlines, datelines and history. In: MANOFF, Robert Karl; SCHUDSON, Michael. **Reading the news**. New York: Pantheon Books, 1986.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

VIZEU, A. **Telejornalismo: cotidiano e lugar de segurança**. ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 3, 2005, Anais... Florianópolis : UFSC , SBPJor, 2006, p. 1-17. 1 CD.

WOLF, M . **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1994.